

Apresentação simpósio

Ter participado na organização do simpósio, já valeu a pena pelo elogio recebido de um estudante: leu e soube alegar razões para gostar do que leu! O mérito tem de ser partilhado com o Pierre, pois sem ter lançado persistentemente as perguntas certas, perguntas sem resposta, base de toda e qualquer actividade científica capaz de criar conhecimento novo, não teria sido possível escrever o que fica escrito. Obrigado, Pierre.

Devemos romper com o espírito de competitividade que nos faz romper relações por a) temermos fazer perguntas de que não sabemos as respostas e b) por insistirmos em respostas erradas a perguntas que, assim, tiramos da discussão, a começar por: “o que é sociedade?”

Tal ruptura não se fará de um momento para o outro: devemos insistir e tornar regular a oportunidade de produzir e divulgar boas perguntas, abertas e controversas, que ficam por responder. Quem dirigirá, do lado dos estudantes e do lado dos docentes, a segunda edição do simpósio?

Até agora, evidentemente, nas aulas, a maioria dos estudantes procura aprender as respostas certas (aos olhos do professor de ocasião) a perguntas, para si, irrelevantes. É o que a maioria chama teoria (a que se opõem comumente a prática, a técnica e a própria profissão).

Para manter vivas as melhores perguntas, as melhores teorias sem resposta, é preciso que os estudantes tragam as suas experiências de vida para a aprendizagem e, portanto, possam fazê-lo sem julgamentos nem dos docentes nem dos colegas. Espécie de terapia ... sociológica. Tão longe que estamos de tal situação!...

No final, a maioria reconhece a importância das teorias para dar consistência ao curso de sociologia. Isso, porém, não tem consequências práticas: as teorias sociais são uma, entre milhentas especializações da sociologia.

O ISCTE-IUL universidade de investigação é para levar a sério? Tanto quanto a trans-interdisciplinaridade? As ciências sociais são ciências? O que é o social? É possível uma sociologia pública sobre os debates sobre teorias sociais?

O problema é mais geral do que a maneira como os professores organizam os currículos e as aulas no ISCTE. O fundo da questão é que as ciências sociais não são nem ciências nem sociais. São ciências ditas moles, cujo objecto – o social – é consagrado e mítico: a nação, a modernidade. São o resultado de uma epistemologia que ignora as suas fontes (o positivismo e o estrutural-funcionalismo), praticando-as em negação. Recusando-se a discutir filosofia e a ruptura científica que é precisa para transformar a filosofia social em ciência.

Não é por acaso que este simpósio é a única iniciativa para discutir alargadamente o valor e as práticas das teorias sociais. Não é por acaso que revela as resistências dentro do próprio curso de sociologia e dentro da escola de sociologia e políticas públicas à discussão teórica. É porque a sociologia actual vive do relativismo, do ilusionismo promovido pela hiperespecialização isolacionista. Duvida do seu valor cognitivo e profissional.

A ser certo este diagnóstico, a saída do beco obscurantista em que nos encontramos passa por aceitar a) que há um problema de bloqueio dos saberes sociológicos; b) criar uma longa, dolorosa, mas profícua discussão sobre o que pode ser uma ciência do social; c) reunir condições para a emergência de novas práticas sociológicas onde hoje vingam as velhas.

Ciência centrípeta	Ciência centrífuga
Respostas	Perguntas
Sebenta escolar	Leituras da experiência
Identidade profissional	Discussão existencial
Especialização	Teoria
Alheamento do social	Envolvimento no social
Subordinação	Missão
Espírito de corporativo	Espírito de cooperação
Separação teoria/métodos	Integração métodos e teorias
<i>Com crédito</i>	<i>Sem crédito</i>